

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

A MULHER E OS JOGOS OLÍMPICOS NA ANTIGUIDADE

Carla Ribeiro Luciani (PIC)
Unespar Campus / Fafipa, fafipa@fafipa.pr.gov.br
Meire Aparecida Lóde Nunes (Orientadora), meirelude@hotmail.com
Unespar Campus / Fafipa, fafipa@fafipa.pr.gov.br

Palavras-chave: Educação. Educação Física. Mulher no esporte.

Introdução

O nosso objetivo, neste texto, é refletir sobre a participação da mulher nos Jogos Olímpicos da Antiguidade por meio da investigação do papel social feminino naquela sociedade. O estudo faz parte de um projeto maior¹ que tem como intuito o estudo da relação entre Educação, História da Educação e Educação Física. Podemos entender a Educação como um processo de formação humana, que se destina a inserção das novas gerações na vida coletiva. Para isso é necessário a criação de hábitos que regulem a convivência com seus pares. Erasmo de Rotterdam (1476-1536) fundamenta essa ideia ao entender que é a educação que transforma o homem em homem.

Bracht (1999) é o autor que nos auxilia a entender o corpo nesse processo de educação ao mencionar que a educação corporal é educação do comportamento, a qual não é corporal, mas humano. Isso nos direciona a entender que o comportamento do corpo revela a educação do próprio homem.

As reflexões desenvolvidas são direcionadas pelo olhar histórico, pois assumimos a ideia de Panofsky (2002) de que o presente não existe, pois o agora já é passado. Assim, que queremos construir o futuro é pelo estudo do passado que poderemos fazer esse planejamento. Nesse sentido, nosso propósito é nos aproximarmos do contexto social da Antiguidade buscando entender as principais diferenças entre os papéis sociais dos homens e das mulheres.

Para uma melhor organização de nossa abordagem, dividimos nosso estudo em dois (2) momentos, iniciamos com algumas considerações sobre a educação feminina e, na sequência, nos propomos a verificar a possibilidade de compreensão da participação da mulher nos jogos Olímpicos da Antiguidade.

¹ Nos referimos ao LEC – Laboratório de Estudos Corporais – que tem como objetivo propiciar aos acadêmicos do curso de Educação Física da Unespar, Campus de Paranavaí, um espaço da leitura, reflexões e discussões que instigue o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos que expressem a inter-relação: Educação, Educação Física e corpo nas épocas Antiga e Medieval.

Metodologia e Estratégia de Ação

Nossa pesquisa é um estudo teórico que se caracteriza como bibliográfica por utilizar como fonte materiais como livros, artigos científicos, jornais, revistas e outros materiais da mesma espécie. (MARCONI E LAKATOS 2007). Assim, definimos como estratégias de ação o levantamento bibliográfico sobre o tema, leitura e fichamento de textos, reflexões e redação das inferências alcançadas.

As reflexões são direcionadas pela perspectiva histórica em que o homem é o objeto de estudo. Essa ideia fica clara quando Marc Bloch menciona que “[...] são exactamente os homens que a história pretende apreender” (BLOCH, 1974, p. 28). No entanto, diante das várias possibilidades de abordagens históricas, esclarecemos que o nosso texto é resultado das contribuições provenientes da História Social e da História da Educação. É importante entender que não pretendemos, nesse momento, entrar nas complexas discussões que permeiam as pesquisas históricas, apenas contextualizar a História Social.

A compreensão acerca da História Social, segundo Castro (1997), é impossível sem uma referência ao movimento dos *Annales* (1929). O movimento dos *Annales* significou a ruptura com a historiografia tradicional fundamentada nas abordagens da Escola Científica Alemã. Em oposição à historiografia tradicional Bloch e Febvre, fundadores do movimento e da revista dos *Annales*, propunham “[...] uma história problema, viabilizada pela abertura da disciplina às temáticas e métodos das demais ciências humanas, num constante processo de alargamento de objetos e aperfeiçoamento metodológico” (CASTRO 1997, p. 76-77). A proposta permitia uma maior amplitude dos métodos e abordagens influenciando vários métodos de pesquisa, dentre eles o da história social que propiciou um alargamento do interesse histórico pelo fato de que todas as abordagens passam pelo social.

Duby (1999) explica que no século XVIII surgiu a preocupação com os costumes, o modo de vida das pessoas e com as diferenças de cada momento histórico. Segundo Duby, o meio é determinante para entender sua ação dos homens. Assim, as formas como os homens se organizavam e as relações entre eles tornam-se objeto de pesquisa. Desta forma, a história social é assim valorizada por Duby: “[...] através da orientação das suas pesquisas para a história das ideias e das crenças, proclamou também em 1922 a superioridade de uma história social: ‘não o homem, nunca o homem, as sociedades humanas, os grupos organizados’ (DUBY, 1999, p. 15- 16). Não procuramos colocar um ‘rotulo’ em nossa pesquisa, apenas a colocamos em uma posição semelhante à daquelas que se preocupam com a mentalidade coletiva.

3 Desenvolvimento

3.1 A mulher na sociedade grega antiga

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

A história nos mostra que em todas as civilizações os papéis sociais das mulheres e dos homens são muito distintos. Em sua maioria, à mulher sempre coube a tarefa de procriação. Na Antiguidade clássica não foi diferente, pois a condição social da mulher grega se diferenciava de modo largo em relação aos direitos concedidos aos homens. Elas não eram consideradas cidadãs e, por isso ocupavam uma posição inferior na sociedade. Conseqüentemente essa desigualdade contribuía para que o aprendizado feminino ficasse restrito apenas ao serviço doméstico e manual, enquanto a educação masculina era dedicada à erudição e o treinamento físico.

Podemos constatar essa questão quando olhamos para a educação nas cidades-estados de Esparta e Atenas. Cada qual tinha princípios e procedimentos distintos que as caracterizaram historicamente como Esparta a cidade dos guerreiros e Atenas dos filósofos.

Conforme Souza (1988) a educação dos futuros soldados de Esparta começava cedo, aos sete anos de idade os meninos ficavam sob a responsabilidade do *paidonomos*, um adulto experiente que era escolhido pela comunidade, dotado de autoridade, e de um grupo de rapazes munidos de chicotes para punir os meninos quando necessário. Os meninos eram submetidos a um regime alimentar, além de disciplinas rígidas o que os tornava mais aptos para guerra.

Piletti, de forma semelhante afirma que:

Até os sete anos de idade o menino ficava sob os cuidados diretos de sua mãe, de quem recebia um treino rigoroso. Depois era tirado do lar e colocado em casernas públicas custeadas pelo Estado. Nessas casernas os meninos comiam em mesas comuns, ajudavam no fornecimento do alimento necessário, caçavam os animais selvagens e participavam de danças corais. Todo o resto do tempo era gasto com exercícios de ginástica, que constituíam o elemento principal de sua educação (PILETTI, 1988, p.60)

O autor afirma que com dezoito anos os jovens iniciavam o estudo das armas e das manobras militares, os quais se estendiam até os vinte anos. Após essa idade, ou seja, dos vinte aos trinta anos o local de estudo era a própria guerra. A maioria para o espartano vinha com os trinta anos, idade em continuava a se dedicar ao Estado como guerreiro ou como treinador dos jovens.

Segundo Sennett (2003, p. 42) “[...] os espartanos só treinavam o corpo, já que o seu conceito de civismo excluía a eloquência. Eles não tinham outro objetivo senão o de maximizar a capacidade dos rapazes [...]”. Assim, evidencia-se que o foco da educação em Esparta era força e resistência para vitória nas batalhas. Os meninos eram enviados aos centros de treinamento para serem educados e transformados em guerreiros, não para aprender a ler e escrever como era o costume em Atenas.

Sobre a educação feminina espartana Tsuruda (apud Arantes [s/d]) conta que “*As jovens espartanas mesmo que submissas tinham uma alimentação melhor e uma preparação física mais adequada que as suas companheiras de outras cidades na mesma época*”. O propósito dessas melhores condições era o de fortalecer o corpo feminino para que gerassem crianças fortes que tornar-se-iam fortes guerreiros.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

[...] as espartanas gozavam de uma liberdade excepcional: “pensando que os filhos seriam melhores se os pais fossem ambos fortes”, havia necessidade que as mulheres também praticassem exercícios físicos. Isto fez com que a única mulher vencedora de alguma modalidade nos Jogos Olímpicos tivesse sido a espartana Kyniska, filha do rei Agesilau, derrotando os homens na corrida de carros em 392 [...] (SENNET, 2003, p.42)

A educação das meninas, assim como dos meninos, não contemplava o estudo da literatura, diferentemente de Atenas. Em Atenas a educação muito se distinguia da espartana. Em Esparta, o Estado era responsável pela educação, enquanto que em Atenas a família deveria custear a educação de seus filhos. As instituições atenienses priorizavam o desenvolvimento do equilíbrio entre o corpo e a mente, buscando conciliar a saúde física e o debate filosófico.

Os atenienses ensinavam que “[...] o corpo era parte de uma coletividade maior, a **polis**, e que pertencia à cidade. Um rapaz forte, obviamente, tornava-se um bom guerreiro; uma voz educada garantia sua participação nos negócios públicos [...]” (SENNET, 2003, p.42, grifo do autor).

Contrariamente a Esparta em que “[...] as meninas também eram encorajadas ao exercício da mesma maneira, embora por uma questão meramente utilitária: fortalecer o corpo para o parto [...]” (SENNETT, 2003, p.42), as atenienses dedicavam-se somente as atividades domésticas, vivendo quase em reclusão (SOUZA, 1988). Essa distinção entre a educação feminina pode ser entendida pela totalidade da organização democrática ateniense

Na democracia ateniense, como foi dito, apenas tinham direitos integrais os cidadãos. Calcula-se que, em 431 a.C., havia 310 mil habitantes na Ática, região que compreendia tanto a parte urbana como rural da cidade de Atenas, 172 mil cidadãos com suas famílias, 28.500 estrangeiros com suas famílias e 110 mil escravos. Os escravos, os estrangeiros e mesmo as mulheres e crianças atenienses não tinham qualquer direito político e para eles a democracia vigente não trazia qualquer vantagem. (FUNARI, p.38)

Os preceitos democráticos atenienses também podem ser observados nas práticas físicas, pois as mulheres e os estrangeiros não podiam praticar os exercícios ginásticos na palestra, um local aberto e rodeado por pórticos com estátuas de Hermes e de Herácles, que eram padroeiros dos atletas.

De acordo com Miragaya (2002, p. 766), a inclusão das mulheres atenienses à prática esportiva feminina não era importante, visto que:

[...] os antigos gregos eram altamente competitivos e acreditavam muito no conceito de ‘agon’, ou seja, competição para excelência. Essa competição, no entanto, só acontecia entre homens, que eram os únicos que poderiam se extenuar fisicamente [...]

A prática da atividade física na vida dos homens gregos era vista como uma maneira de preservar a saúde, adquirir força física e beleza, além de ser um caminho para o reconhecimento social. Também era uma forma de treinamento para guerra. No entanto, esses preceitos eram destinados apenas aos homens.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

3.2 A participação das mulheres na gênese dos jogos olímpicos antigos

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade é referência para entendermos como o esporte expressa os valores sociais. Isso nos fica claro ao lermos a carta do atleta grego Starpios:

Eu sou Starpios de Atenas, Grego, cidadão e atleta. Dei glória à minha pólis e à minha família. Posso agora morrer em paz. Nestes meus derradeiros dias disponho-me a contar a minha história de atleta abençoado por Zeus e pelo Olimpo. Alcancei a mais alta honra que um Grego pode almejar e tenho certo que o meu nome será recordado quando eu morar no sombrio Hades. Desde os meus tempos de jovem rebento no nobre solo ateniense que me educaram segundo o ideal do homem bom e nobre, ou seja do *Kalos* e do *Agathos*. Rodeado de filósofos e oradores, cresci no *Gimnásion*, apurando o corpo e a mente, envolvido em música e canto. O meu objectivo: participar nos Jogos Olímpicos, primeiramente nas provas juvenis e mais tarde nas provas para adultos, para desse modo alcançar a glória no pentatlo e honrar os deuses. Os meus treinos consistiam em exercitar-me, saltando e correndo, juntamente com outros ambiciosos jovens, descendentes das mais nobres famílias de Atenas. Todos nos preparamos no sentido da perfeição, para, a cada quatro anos, medirmos forças, de modo a “ser sempre o melhor e sobressair entre os outros” - como disse Hipóloco ao seu filho Glauco, antes de este partir a bordo do Argos. (SOUVATZIS, 1993)

A carta nos mostra a honra de ser atleta para o grego, pois esse era entendido como próximo dos deuses. Verificamos que o ‘esporte’ fazia parte de toda a educação do jovem, os filósofos e oradores também frequentavam os ginásios mostra-nos a aceitação coletiva da prática física.

Entrei na cidade erguido sobre uma imponente quadriga, não pela porta principal, mas por uma abertura feita nos invictos muros de Atenas, porque uma cidade com tão valorosos filhos não precisa da defesa de tais muralhas. Recepções triunfais, jantares comemorativos e sacrifícios aos deuses seguiram a minha entrada. Foi-me erguida uma estátua, que me representará após a minha partida. Os poetas compuseram odes, cantando a minha honra, e eu e a minha família fomos recompensados enormemente pela cidade. Passaram muitos anos e pouco resta de tão atlético Ateniense. Mas a glória permanece. Cesso aqui o meu testemunho e anseio que ele se prolongue doutra forma que não escrita, através dos feitos atléticos dos meus filhos e netos e concidadãos atenienses. Que estes possam honrar os deuses e a cidade como eu fiz em tempos. No entanto, esse ideal, destinava-se apenas aos homens, pois não encontramos registros da participação das mulheres no evento que expressa esse ideal antigo, Os Jogos Olímpicos. No entanto, surge em nós a indagação sobre se a mulher realmente não participava dos eventos esportivos ou, pelo fato da história ter sido escrita por homens, a sua participação não foi registrada. (SOUVATZIS, 1993)

A leitura do artigo “A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão” de Miragaya (2002) nos possibilita entender como era limitada, ou mesmo, proibida a participação das mulheres nessas atividades consideradas de caráter masculino. Podemos analisar essa questão por meio da seguinte passagem:

Nos tempos da Grécia Antiga, raiz de toda tradição ocidental, os atenienses acreditavam que as mulheres deveriam andar cobertas dos pés á cabeça para não serem vistas; logo, elas não podiam participar de competições esportivas porque elas teriam que se expor. Além disso, acreditava-se que o corpo feminino era condicionado para a maternidade (MIRAGAYA, 2002, p.765).

**II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.**

Inicialmente somente os homens podiam competir nas Olimpíadas que eram em honra a Zeus, porém, algumas mulheres tinham permissão para assistir. Essas mulheres eram jovens, solteiras e estavam à procura de um marido. As mulheres casadas eram proibidas de assistir as Olimpíadas, sob a pena de morte. Os motivos são desconhecidos, mas o que se sabe é que Pitonisa de Demeter era a única mulher casada que tinha permissão para assistir aos Jogos Olímpicos (MIRAGAYA, 2002).

De acordo com Miragaya (2002), as mulheres chegaram a servir como prêmio para os homens que venciam as competições da corrida de biga, no entanto, alguns séculos mais tarde, elas conseguiram permissão para participar como competidoras extra-oficiais nos Jogos Olímpicos, na condição de proprietárias de cavalos.

Apesar disso, temos alguns indícios de mulheres que fizeram história no Olimpismo. Nas provas de corrida de cavalo, especificamente nas quadrigas de potros, Belistiche da Macedônia foi vencedora da 128ª Olimpíada (268 a. C.) e na biga de potros da 129ª Olimpíada, modalidade equestre que foi introduzida pela primeira vez nos Jogos Olímpicos (CHIES, 2006).

Outro exemplo de glória no esporte é Artemisa. Segundo Chies (2006), ela conquistou esse feito por ser uma exímia caçadora, sua fama estampou diversos vasos da antiguidade, onde ela aparecia segurando seu arco, muitas vezes perto dos seus cães de caça. Como podemos observar na imagem a seguir:



Figura 1 - Vaso - Artemisa disparando uma flecha em Acteão

Fonte: Museum of Fine Arts Boston

Diante disso, podemos constatar que:

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

[...] Pouco a pouco as mulheres começaram a invadir uma área que nunca lhes havia pertencido e que lhes era bastante atraente, a prática do esporte. O esporte sempre foi um construto masculino do qual muito raramente as mulheres fizeram parte. Crenças tradicionais sempre prescreveram que o cansaço físico e a competição eram contrários à natureza da mulher. Além disso, acreditava-se que o lugar da mulher era dentro de casa, tomando conta da casa e dos filhos [...] (MIRAGAYA, 2002, p.764).

Portanto, a restrição feminina aos jogos não pode ser entendida pela sua incapacidade física, mas sim pelo seu papel político na sociedade. Sem direitos como cidadã, a mulher não podia ter convívio social, isso acabava impedindo-a de poder usufruir das glórias concedidas aos competidores que venciam os jogos olímpicos, tais como: a coroação, a honra de uma Olimpíada ter seu nome, recepções triunfais, jantares, além de erguer-se uma estátua para homenagem póstuma.

Conforme Rubio e Simões (1999, p. 50), destacam:

[...] o papel desempenhado pela mulher no esporte confunde-se e mescla-se com seu papel social na história da humanidade. E, que sua presença esteve restrita ou ampliada de acordo com a necessidade ou a vontade de quem detinha o poder [...]

Por isso, não é de se estranhar que esses valores patriarcais da antiguidade ainda permaneçam refletidos na sociedade e no esporte, visto que, eles fazem parte da cultura da humanidade.

Considerações finais

Por meio desse estudo podemos entender que as atividades físicas, a ginástica, faziam parte de todo o processo social dos homens da Antiguidade. As finalidades eram diversificadas, seja para a formação do guerreiro, como em Esparta, ou seja, para a formação integral do ateniense. No entanto, a realidade entre as mulheres e homens presentes naquela sociedade e, que não considerava as mulheres como cidadãs, também se estendiam a ginástica e sua participação nos eventos esportivos.

De acordo com o pensamento daquela época, a função social da mulher era de gerar as novas gerações, portanto sua prática física seguia esse ideal. No entanto, algumas mulheres conseguiram participar de alguns eventos e se sobressaíram o que nos possibilita a entender que a história pode ter omitido alguns fatos importantes sobre a inserção social das mulheres na antiguidade, assim como em outros tempos históricos. Essa observação nos incentiva a continuarmos nossos estudos, assim como de demais pesquisadores para que, futuramente, possamos avançar com relação ao conhecimentos da história esportiva das mulheres.

Referências

ARANTES, Ana Cristina. **A CULTURA E A EDUCAÇÃO GREGA. Atividades gímnicas desportivas e a educação do efebo.** Disponível em:
http://escolar.universoef.com.br/container/gerenciador_de_arquivos/arquivos/187/a-cultura-e-a-educacao-grega.pdf

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

BLOCH, M. **Introdução a história**. [S.l.]: Publicações Europa - America, 1974.

BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

CHIES, Viviane Paula. “**Eis Quem Surge no Estádio: É Atalante!**” **A História das Mulheres nos Jogos Gregos**. Revista Movimento. Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 99-121, setembro/dezembro de 2006. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2911/1547>

FUNARI, Pedro Paulo. **GRÉCIA E ROMA**. São Paulo: Contexto, 2002.

GEORGIUS SOUVATZIS, **Grecia e os jogos olímpicos** (conferência apresentada na Universidade de Palermo, 1993). Boletim de Estudos Clássicos — 45. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/BEC45/18antoniomiraeoutros>

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATA, Giselle Moreira da. **ENTRE RISOS E LÁGRIMAS”: UMA ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS ATENIENSES NA OBRA DE ARISTÓFANES (SÉCULOS VI A IV a.C.)**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás. 2009. Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/DISSERTA_O_PDF.PDF

MIRAGAYA, Ana. **A mulher olímpica: tradição versus inovação pela busca da inclusão**. In: TURINI, Marcio; DACOSTA, Lamartine. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.

Museu of Fine Arts Boston. Disponível em: <http://www.mfa.org/collections/object/mixing-bowl-bell-krater-153654>

NETO, Edson Moreira Guimarães. **Gênero, Erotismo e Poder: Comparando Identidades Femininas em Atenas (Séculos VI-IV a. C.)**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp151987.pdf>

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RUBIO, Katia; SIMOES, Antonio Carlos. **De espectadoras a protagonistas. A conquista do espaço esportivo pelas mulheres**. Revista Movimento. Ano V. n.11, p. 50-56, 1999. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2484>

SENNETT, Richard. **Nudez: O corpo do cidadão na Atenas de Péricles**. In: SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2003.

SOUZA, Marcos Alvito Pereira de. **A GUERRA NA GRÉCIA ANTIGA**. São Paulo: Ática S.A., 1988.